

## A INTELECTUALIZAÇÃO DO ROCK AND ROLL: SURGE O PROGRESSIVO

VELEDA, Vinicius Carvalho<sup>1</sup>  
Universidade Federal de Pelotas

ARRIADA, Eduardo<sup>2</sup>  
Universidade Federal de Pelotas

*<sup>1</sup>Graduando do curso de Licenciatura em História da UFPel;  
Integrante da pesquisa sobre “Instituições Formadoras de Professor, com ênfase no Colégio São José de São Leopoldo” Coordenado pelo Professor Dr. Eduardo Arriada;  
vinicius\_wailer@hotmail.com*

*<sup>2</sup>Doutor em Educação; possui experiência na área de Educação, com ênfase em História da Educação; Integrante do grupo de pesquisa no Centro de Investigação em História da Educação (CEIHE); earriada@hotmail.com*

### 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo expressar-se historicamente sobre o Progressivo. Tal vertente superou as próprias expectativas, transcendendo os limites do Rock e chegando próximo ao Jazz e à Música Sinfônica (clássica). Esta última foi criada para o interesse e apreciação de uma elite, por sujeitos de boa instrução, sendo altamente restrita para as camadas mais populares, diferentemente do que aconteceu com o Jazz: “no princípio, as pessoas ‘respeitáveis’ torciam o nariz quando ouviam falar nele [Jazz]. Era uma música própria dos batoteiros<sup>1</sup> e das suas mulheres, do boêmio do baixo mundo, dos desgraçados e dos miseráveis que viviam sobre o fio de navalha da vida” (TERKEL, 1965, p.164).

Já o Progressivo, surgiu em um período turbulento, em meio a músicas de protesto, o movimento da contracultura, a Guerra do Vietnam, a caída de Nixon, a rebeldia contra o *establishment*. Com estes fatores, a sociedade necessitava de uma mudança da mentalidade, em que “pulava-se agora para um nível mais profundo, da crítica social e da política. Passava-se à práxis da luta armada e do pacifismo hippie, exigiam novos rumos ao Rock and Roll” (CHACON, 1982, p.33). Esses jovens tornam-se mais intelectualizados, com um senso de musicalidade elevado, fazendo composições extremamente ecléticas. O Progressivo tangia uma mistura das normas difíceis e acadêmicas da composição musical com o Rock and Roll, visto que “era necessário romper com os limites impostos pela sociedade pela moral que havia durante séculos alimentando esse monstruoso super-ego que impedia a explosão de um homem mais criativo e mais amplo” (CHACON, 1982, p.59). Contudo, o Progressivo não poderia ser concebido como um ‘sub-estilo’ qualquer do Rock, mas sim um estilo sustentável, o qual se apropriou de algumas virtudes de notáveis gêneros musicais, por esse motivo que é empregado no texto ‘Progressivo’ e não ‘Rock Progressivo’. E tem como principais características:

“Músicas de longa duração, desde seus quatro minutos até os discos de uma única faixa; Utilização e apropriação de elementos de vários estilos não comumente associados com o Rock: a música folclórica, o Jazz, a Música Erudita o Blues, etc.; Uma maior complexidade das composições, tanto em

---

<sup>1</sup> Pessoas que freqüentam casa de jogos de azar

termos de melodia quanto de arranjo e ritmo, em comparação ao que normalmente se entende por Rock. Em busca pela experimentação e por sons exóticos, daí a importância dos sintetizadores para o estilo. Uma grande variedade de ritmos e tonalidades dentro da mesma composição, gerando a tal impressão de música 'difícil e/ou pretensiosa' e o rompimento com o caráter dançante do Rock. [...] Não há moda ligada ao Progressivo como há no Heavy Metal ou o Rockabilly; não há penteados, gírias ou roupas uniforme, apenas gosto pela música. Mais ou menos como acontece pelo Jazz, embora nesse caso o espaço e prestígio sejam maiores" (NAHOUM, 2004, p. 6,7)

## 2 METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

Para composição desde texto foram utilizados livros, guias, encartes informativos dos álbuns, no entanto, nenhum deles tem um comprometimento temporal, sucessivo, positivista. Eles abordam apenas informações organizadas como uma enciclopédia, ou no caso dos encartes, apenas dados sobre os elementos inseridos nos álbuns.

Visando alcançar o objetivo esperado, foram cruzadas as informações pesquisadas, destacando autores e obras, organizando-as em forma de um 'catálogo cronológico' colocando as resenhas dos álbuns mais importantes, aqueles que marcaram de forma explícita o estilo. Para dar um revés mais genealógico é exposto na introdução o contexto histórico do estilo. Foi designado no texto um recorte somente do 'Período Clássico' (1969/1973) com todas as bandas citadas sendo inglesas. Notoriamente o estilo não se restringe somente nas bandas inglesas ou nos álbuns citados a seguir.

## 3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O Progressivo, estilo criado no final dos anos de 1960 na Inglaterra, ganhou grande fama e evidência a partir do início dos anos 70. As principais bandas de Progressivo iniciaram tocando Rock Psicodélico, conforme essas bandas foram amadurecendo (e absorvendo a desordem social, como já citado acima) tornam-se mais complexas - para ilustrar, citaria o álbum *Sergeant Pepper's Lonely Hearts Club Band* dos The Beatles, (*Parlorphone/Capitol*, 1967), que mudou bastante a concepção do 'fazer Rock', por suas melodias complexas, orquestras, instrumentos variados, com letras surrealistas e hipnóticas, trazendo pela primeira vez à tona a intelectualização do Rock, entretanto, por mais que apresente uma coleção de novas texturas, ainda se trata de Rock Psicodélico. Outro álbum que gostaria de salientar é o *Day's of Future Passed* dos The Moody Blues (*Deram*, 1967), o qual foi um trabalho arrojado: quebrou grandes tabus, é o primeiro álbum conceitual, ou seja, todas as suas melodias estão dentro de um único tópico, havendo uma interligação temática das faixas. Neste álbum, a banda realmente fundiu o Rock com a música Sinfônica, trata-se de um álbum homogêneo e dinâmico do início ao fim.

Antes de prosseguir, é preciso fazer algumas observações que são de extrema grandeza para a sequência do estilo. Primeiramente, foi "a saída de cena dos Beatles como ato simbólico da virada da década mais do que cronológica, a virada foi de visão de mundo. Pulverizou as opções do Rock" (CHACON, 1982, 41). E, depois, está o fato de que é muito complexo definir ou rotular o que é Progressivo, ou o que não é. Exemplificaria com a seguinte citação:

“Definir Rock Progressivo mostrou-se mais complicado do que imaginava, seja pela diversidade de influências presentes no gênero ou pela falta de um conhecimento musical teórico de minha parte que pudesse levar uma análise mais ‘científica’ do estilo. Apontado por alguns como sub-gênero do Rock nascido em 66/67 com canções como ‘A White Shade of Pale’, do *Procol Harum*, ou como grupos como o *Nice* (um pré-*Emerson, Lake & Palmer*), o Rock Progressivo receberia, em uma análise retrospectiva, os epítetos de ‘Rock Erudito’, ‘Classicoso’ ou ‘Rock Arte’, transmitindo uma ideia geral de que era mera tentativa de fusão do Rock com a música erudita [...] Fala-se em música pretensiosa pela utilização de elementos eruditos, em música ‘complicada demais’ (termo que não se usa para o erudito mas cabe para o rock que, pelo visto, na mente dos críticos, tem que se contentar e se manter nos três acordes e nos arranjos medíocres)” (NAHOUM, 2004, p.6)

Em 1969, foi lançado o primeiro marco nitidamente Progressivo, *In The Court of the Crimson King*, (*Virgin*, 1969) álbum de estreia dos King Crimson. Este álbum traz uma sonoridade pouco comum até então, em que seus músicos unem Rock, Heavy Metal, Jazz e Música Sinfônica, aderidos a uma pitada de psicodelia, resultando numa musicalidade singular. Após este álbum, seria impossível cessar essa nova vertente, deste modo, começa a delineação do que viria ser o Progressivo. Ainda em 69, ocorreu um espetáculo que influenciaria abusivamente as performances de palco, um show grandioso do Deep Purple com a *The Royal Philharmonic Orchestra*, intitulado *Live at The Royal Albert Hall* (*Harvest*, 1969), em que atrelou-se, de forma delirante, uma orquestra filarmônica e músicos de Rock. O resultado não podia ser melhor: a orquestra forjou-se impecavelmente com os músicos da banda, produzindo um som sublime, sólido, no qual parece não existir estreitamento entre o que é Rock e o que é sinfônico.

Genesis, Yes, Pink Floyd, Jethro Tull (que no início da carreira eram psicodélicas) e outras começando, como o Emerson, Lake & Palmer, lançaram todas elas no início da década de 70 primorosos álbuns Progressivos. A partir daqui, começou a ser complicado escolher os álbuns, pois o Progressivo desenvolveu-se autônomo, desencadeando novas vertentes (como por exemplo, a *Cena Canterbury*, o *Progressivo Italiano*, o *Krautrock* e o *Rock in Opposition* (R.I.O.)). Ênfase *Atom Heart Mother* (*Harvest*, 1970) do Pink Floyd, cuja faixa homônima é o principal destaque do álbum, sendo dividida em seis suítes sinfônicas, que percorre agradabilíssimos 23 minutos de duração - esta música é o hino sinfônico do Progressivo. Um que não poderia ficar de fora é *Aqualung* (*Island*, 1971) do Jethro Tull, que pode ser concebido como um álbum conceitual, e, no entanto, apresenta duas temáticas principais: o lado ‘A’ narra a história do personagem-título *Aqualung* e a de *Cross Eyed Mary*, já o lado ‘B’ do vinil aborda contra a religião católica, agindo como um ‘anti-deus’. O seguinte, *Pictures at an Exhibition* (*Island*, 1971), álbum ao vivo da banda Emerson, Lake & Palmer, a faixa principal (homônima ao álbum) é uma ‘versão progressiva’ da obra Sinfônica do compositor russo Modeste Mussorgsky, esse álbum mostra a capacidade individual da banda, e contém, ainda, o belíssimo e inovador trabalho que Keith Emerson realizou ao utilizar um sintetizador *Moog* ao vivo, já que este aparelho mostrava-se ainda muito ‘imprevisível’. Agora é a vez do álbum que melhor representa a grandiloquência do Progressivo, *Close to the Edge* (*Atlantic*, 1972), da banda Yes, em que “o grupo vá de um Jazz furioso a um floreado gótico, passando pelo balanço do Rock – um passo e tudo se desmantela” (DIMERY, 2007, p. 263). Então, *Thick as a Brick* (*Island*, 1972), trata-se de um álbum

conceitual lançado pela banda o Jethro Tull, no qual progride uma única música em ambos os lados, e relata os 'problemas de envelhecer' narrados pelo menino Gerald Bostock. O Pink Floyd lançou admiráveis álbuns neste período, porém, *The Dark Side of the Moon (Harvest, 1973)* foi o seu ápice, suas letras conceituais tangiam "as pressões da vida moderna e todos elementos pelas quais agente passa e que conspiram para tornar algumas pessoas insanas [...] Ao elevar as intervenções humanas, como o tempo e o dinheiro, a um plano que elas nos acabam a nos controlar. Perdemos todo o nosso conceito do que é ser humano" (HARRIS, 2005, p.86). O derradeiro álbum citado será *Selling England by the Pound (Charisma, 1973)* da banda Genesis, em que "suas letras fazem uma crônica sarcástica da Inglaterra da época, um país que sofria com a competição industrial e com a instabilidade econômica, num contraste absoluto com o colorido e a energia dos anos 60".

#### 4 CONCLUSÕES

Concluo, portanto que: o Progressivo não é um tipo de música para dançar, ele não se mistura com a nossa pulsação como as músicas dançantes ou como o Rock em sua origem, ele está em um estágio mais complexo - emotivo e intelectual, que desperta algo profundo dentro de nós. Suas letras refletem o período em que foram criadas, o estilo representa a mentalidade dos jovens, já saturados com tanta turbulência. O desígnio do Progressivo é atingir o ouvinte com um documento emocional, já que a audição é um sentimento íntimo, introspectivo, no qual cada um de nós exprime variados significados da mesma experiência.

As pessoas pré-conceituam demais o estilo Progressivo, dizem que suas músicas são muito extensas – tornando-se tediosas – e que suas melodias e letras são demasiadamente complexas. Não obstante, essas pessoas não entendem o verdadeiro espírito do estilo, querem entender a música de forma instantânea, sem nenhuma reflexão ou adequação a tal som tão distinto. Para ser um verdadeiro apreciador do estilo, necessita-se então de algum tempo, certamente um amadurecimento musical – não basta somente escutar o álbum, ou uma discografia qualquer, mas entender a parte biográfica, suas aspirações, influências, problemas internos e o contexto em que está inserido. Necessita-se, enfim, de certa bagagem musical, como em qualquer vertente Erudita.

#### 5 REFERÊNCIAS

- CHACON, Paulo. **O que é Rock**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982
- DIMERY, Robert. **1001 Discos Pra Ouvir Antes de Morrer**. Rio de Janeiro: Sextante, 2007
- HARRIS, John. **The Dark Side of the Moon – Os Bastidores da Obra Prima do Pink Floyd**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005
- NAHOUM, Leonardo. **Enciclopédia do Rock Progressivo**. Niterói: Rock Symphony, 1995
- TERKEL, Studs. **Gigantes do Jazz**. Rio de Janeiro: Editora Lidador, 1965